

TERRAS DE MEMÓRIA

ABORDAGENS DO ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL
NO ASSENTAMENTO 08 DE OUTUBRO EM SIMÃO DIAS/SE



FICHA TÉCNICA

Título da Obra: Terras de Memória: Abordagens do Ensino de História Local no Assentamento 08 de Outubro em Simão Dias/SE

Autor: Verônica Nogueira Andrade Nascimento

Orientador: Itamar Freitas de Oliveira

Linha de Pesquisa: Linguagens, narrativas, produção e difusão.

Revisão acadêmica: Maria Caroline dos Santos Fonseca

Diagramação, Ilustração da capa e projeto gráfico: John Valença

Número de Edição: 01

Número de Páginas: 48

Formato Digital: E-book

Ano: 2024





Autora

Verônica Nogueira Andrade Nascimento

Professora de História da rede municipal de ensino de Paripiranga/BA, e Simão Dias/SE, graduada em História pela Universidade Federal de Sergipe, UFS, (2016) e Pedagogia pela Universidade Tiradentes, UNIT, (2020); Pós graduada em Ensino de História pela Faculdade Venda Nova do Imigrante, FAVENI, (2022) e mestre em Ensino de História pela Universidade Federal de Sergipe.



Orientador

Itamar Freitas de Oliveira

Possui licenciatura em História pela Universidade Federal de Sergipe (UFS-1996), especialização em Organização de Arquivos pela Universidade de São Paulo (USP-1997), mestrado em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ (2000), doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP-2006), doutorado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS-2019) e pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília (PPGH/UnB-2014). É professor do Departamento de Educação e do Mestrado Profissional em História (UFS), professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos Africanos, Povos Indígenas e Culturas Negras (PPGAFIN), da Universidade do Estado da Bahia (Uneb), editor executivo da revista "Crítica Historiográfica" e coeditor do blog "Resenha Crítica".



1 APRESENTAÇÃO

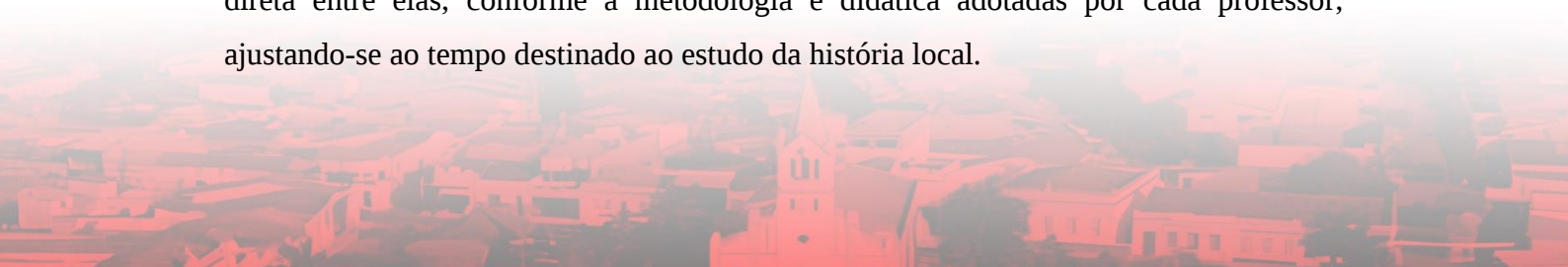
Este *e-book*, parte integrante do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) da Universidade Federal de Sergipe, representa uma estratégia para aprimorar o ensino da história local. Projetado para proporcionar uma experiência enriquecedora, Terras de Memória: Abordagens do Ensino de História Local no Assentamento 08 de Outubro em Simão Dias/SE" é uma ferramenta dinâmica que não apenas mergulha nas memórias do Assentamento 08 de Outubro, mas também oferece intervenções pedagógicas prontas para serem implementadas em sala de aula além de orientações pedagógicas e didáticas para educadores.

Ao explorar os seguintes capítulos, Caminhos da Esperança: A Jornada Inicial do Assentamento 08 de Outubro, Questões Identitárias no Assentamento 08 de Outubro, Perspectiva e Contribuição Feminina no Assentamento Oito de Outubro e Educação, este *e-book* proporciona uma visão abrangente e multifacetada da história local.

A flexibilidade dessas atividades vai além do contexto específico do Assentamento 08 de Outubro, pode ser adaptada para diversas realidades. Reconhecendo a importância de formatos variados, sugerimos a utilização de história em quadrinhos, linhas do tempo visuais, charges provocativas e a integração dos eventos locais com conhecimentos históricos mais abrangentes, utilizando as informações contidas nessas seções.

Como parte do ProfHistória, este trabalho visa não apenas contribuir com aprendizado da história local, mas também aprimorar as estratégias de ensino de história em sala de aula. Além dos seis capítulos iniciais, o *e-book* se estende com intervenções pedagógicas específicas que podem ser incorporadas no ambiente de sala de aula, a saber: Visita Guiada, Exposição Itinerante: Memórias em Movimento, Mapeando Memórias: Construindo Conexões Históricas, Memórias Vivas: Narrativas Orais e Escrita Criativa, Narrativas em Movimento: Um Documentário Colaborativo.

Informamos, ainda, que essas intervenções podem ser desenvolvidas de maneira dependente ou ser abordadas de forma isolada. A visita guiada, por exemplo, proporciona a base para a elaboração das demais intervenções, colhendo as informações cruciais para a execução das atividades subsequentes. No entanto, é válido ressaltar que cada intervenção pode ser conduzida de maneira autônoma, sem interdependência ou relação direta entre elas, conforme a metodologia e didática adotadas por cada professor, ajustando-se ao tempo destinado ao estudo da história local.



Este *e-book*, além de ser uma janela para a história do Assentamento 08 de Outubro, destaca-se como uma estratégia inovadora e adaptável, propiciando uma experiência educacional única que transcende as fronteiras do local. Que " Terras de Memória: Abordagens de História Local no Assentamento 08 de Outubro" inspire educadores de outras realidades a mergulharem nas ricas memórias de suas comunidades e a construírem, assim, conexões significativas no ensino de história.



SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	4
2 ORIENTAÇÕES DE COMO O E-BOOK PODE SER UTILIZADO POR OUTROS PROFESSORES.....	7
3 APRESENTAÇÃO DO E-BOOK COMO FERRAMENTA DIDÁTICA	10
4 CAMINHOS DA ESPERANÇA: A JORNADA INICIAL DO ASSENTAMENTO 08 DE OUTUBRO.....	13
5 QUESTÕES IDENTITÁRIAS NO ASSENTAMENTO 08 DE OUTUBRO	21
6 PERSPECTIVA E CONTRIBUIÇÃO FEMININA NO ASSENTAMENTO OITO DE OUTUBRO.....	24
7 EDUCAÇÃO.....	27
8 INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA I: VISITA GUIADA.....	32
9 INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA II: “EXPOSIÇÃO ITINERANTE: MEMÓRIAS EM MOVIMENTO.	36
10 INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA III: MAPEANDO MEMÓRIAS: CONSTRUINDO CONEXÕES HISTÓRICAS	38
11 INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA IV: MEMÓRIAS VIVAS: NARRATIVAS ORAIS E ESCRITA CRIATIVA.....	40
12 INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA V: NARRATIVAS EM MOVIMENTO: UM DOCUMENTÁRIO COLABORATIVO"	42
REFERÊNCIAS	44



2 ORIENTAÇÕES DE COMO O *E-BOOK* PODE SER UTILIZADO POR OUTROS PROFESSORES

O *e-book* “Terras de Memória: Abordagens do Ensino de História Local no Assentamento 08 de Outubro em Simão Dias/SE” foi desenvolvido como uma ferramenta didática para aprofundar o entendimento dos alunos sobre a história local, enfatizando as memórias e identidades dos assentados. Este capítulo fornece orientações detalhadas para outros professores que desejam integrar este *e-book* em suas práticas pedagógicas, maximizando os benefícios educacionais e promovendo um aprendizado significativo.

Antes de implementar o *e-book* em sala de aula, é essencial que os professores se familiarizem com todo o conteúdo. A leitura completa do material é necessária para entender os contextos históricos apresentados, as narrativas dos assentados e as atividades propostas.

Integrar o *e-book* em seus planos de aula requer um planejamento cuidadoso. Identifique os objetivos educacionais que o *e-book* pode ajudar a alcançar e como ele pode complementar o currículo existente. Determine quais capítulos ou seções serão abordados em cada aula e quais atividades serão realizadas para reforçar o aprendizado.

Assegure-se de que todos os alunos tenham acesso ao *e-book*, seja em formato digital ou impresso. Além disso, prepare materiais de apoio, como mapas históricos, linhas do tempo, e recursos visuais que ajudem a contextualizar o conteúdo. Outros materiais podem incluir artigos complementares, vídeos documentários e entrevistas com assentados.

Sugerimos que o educador comece apresentando aos alunos o contexto histórico do assentamento 08 de Outubro. Utilize o guia do professor para fornecer uma visão geral da importância das memórias e identidades no processo histórico. Discuta as divergências identitárias que surgiram no início do assentamento e faça uma conexão com situações contemporâneas de conflitos identitários no Brasil e no mundo. Observe outras temáticas que podem ser aprofundadas como a presença feminina e sua contribuição em diferentes contextos. Utilize as informações inclusive para oferecer debates sobre convergências e divergências dos assuntos.

As atividades sugeridas propõem atividades em grupos em diferentes situações. Portanto divida a turma em grupos mistos, incluindo alunos assentados e não assentados. Esta formação visa promover o intercâmbio de perspectivas e a construção coletiva do

conhecimento. Cada grupo pode ser designado para focar em diferentes temáticas abordadas no *e-book*, como a luta pela terra, transformações sociais ou histórias individuais e coletivas. Subsidie os alunos a entenderem o conceito de memória e como é feito os trabalhos em história com a oralidade através da pesquisa. Apresente autores e se possíveis leituras para facilitar esse entendimento.

Oriente os alunos a ler capítulos específicos do *e-book*, seguidos de discussões em grupo. Utilize as perguntas orientadoras fornecidas no mesmo para estimular o pensamento crítico e a reflexão. Perguntas como "Quais desafios os assentados enfrentaram durante o processo de reforma agrária?" e "Como as experiências dos assentados refletem questões globais de identidade e migração?" podem ser úteis.

Incentive os alunos a realizar pesquisas adicionais sobre a reforma agrária, o contexto histórico do assentamento e outras experiências de luta pela terra na história do país. Forneça uma lista de fontes confiáveis, como artigos acadêmicos, livros e documentários. Peça que os alunos comparem essas informações com as narrativas presentes no *e-book*, identificando semelhanças e diferenças.

Promova atividades de análise crítica, onde os alunos devem avaliar a precisão das informações coletadas em comparação com as narrativas dos assentados do 08 de Outubro. Isso pode ser feito por meio de debates em sala de aula, ensaios analíticos ou apresentações de grupo.

Baseando-se nas narrativas e pesquisas, oriente os alunos a produzir textos individuais ou coletivos. Estes textos podem variar entre ensaios, poemas, contos ou crônicas, ou até mesmo artigos explorando as temáticas abordadas de maneira criativa e reflexiva. Incentive a inclusão de elementos pessoais e emocionais para enriquecer as produções.

Sugerimos ainda que todo trabalho produzido seja compartilhado com a comunidade escolar seja por meio de exposições ou de seminários pelos alunos ou outra forma que o professor julgar pertinente. Este evento pode ser aberto à comunidade escolar, promovendo um ambiente de valorização das narrativas individuais e coletivas.

O processo avaliativo é de suma importância nessa etapa, pois irá observar tanto convencionamos utilizar, diagnóstica, formativa e somativa, utilize questionários de autoavaliação para que os alunos reflitam sobre sua experiência e aprendizado. Perguntas podem incluir: "Você se sentiu mais conectado com a história local após esta atividade?" e "Como esta experiência mudou sua percepção sobre as memórias individuais e

coletivas?". Além disso, forneça *feedback* construtivo sobre as pesquisas, produções textuais e participações nas discussões.

Avalie a aprendizagem dos alunos com base na participação ativa, qualidade das pesquisas, profundidade das análises, criatividade das produções textuais e envolvimento nas atividades de diálogo intergeracional. A demonstração de empatia e respeito durante as atividades também deve ser considerada como um indicador de sucesso.

O *e-book* " Terras de Memória: Abordagens do Ensino de História Local no Assentamento 08 de Outubro em Simão Dias/SE" é um recurso valioso que enriquece significativamente o ensino de história. Ele promove uma compreensão mais profunda e contextualizada da história local, permitindo que os alunos se conectem de maneira mais significativa com os eventos e narrativas de sua própria comunidade. Seguindo as orientações fornecidas, os professores podem utilizar o *e-book* de maneira eficaz, estimulando o pensamento crítico, a criatividade e a empatia em seus alunos. A abordagem adotada pelo *e-book* é versátil e pode ser aplicada em diferentes contextos, sempre que se deseje trabalhar com a história local, bastando adaptar as atividades, roteiros e métodos de pesquisa conforme os objetivos do educador.

É importante destacar que a pesquisa e a escrita podem ser realizadas em conjunto pelos alunos, com a colaboração ativa do professor. Esse processo coletivo não só promove a aprendizagem colaborativa, mas também exige um período mais longo de trabalho, além do engajamento dos demais professores da turma. A colaboração interdisciplinar enriquece o projeto, permitindo que os alunos vejam a história através de múltiplas lentes e compreendam sua relevância em diversas áreas do conhecimento.

Além disso, o *e-book* oferece a oportunidade de desenvolver competências essenciais nos alunos, como a capacidade de análise crítica, a habilidade de interpretar e contextualizar informações históricas, e a aptidão para comunicar suas descobertas de maneira clara e envolvente. Ao engajar-se em atividades interativas e colaborativas, os alunos também fortalecem suas habilidades sociais e de trabalho em equipe, preparando-se melhor para os desafios futuros.

3 APRESENTAÇÃO DO E-BOOK COMO FERRAMENTA DIDÁTICA

O *e-book* "Terras de Memória: Abordagens do Ensino de História Local no Assentamento 08 de Outubro em Simão Dias/SE" foi concebido não apenas como um recurso informativo, mas como uma ferramenta didática que facilita a abordagem de temas complexos e relevantes no ensino de história. Este capítulo visa apresentar como o *e-book* pode ser utilizado por outros professores para contribuir com suas práticas pedagógicas, promover o engajamento dos alunos e aprofundar o entendimento sobre a história local.

O formato digital do *e-book* permite fácil acesso tanto em sala de aula quanto fora dela, possibilitando que os alunos consultem o material em diferentes momentos e dispositivos. Professores podem distribuir o *e-book* por meio de plataformas *online*, *e-mails* ou até mesmo disponibilizar cópias impressas para garantir a inclusão de todos os alunos. Essa acessibilidade amplia as possibilidades de estudo, permitindo que os alunos revisem os conteúdos de acordo com seu ritmo de aprendizado e disponibilidade de tempo.

Além de textos informativos, o *e-book* inclui atividades interativas, *links* para recursos adicionais, imagens e vídeo que enriquecem o conteúdo. Essa multimodalidade ajuda a capturar a atenção dos alunos e a diversificar as formas de aprendizagem, tornando o processo educativo mais dinâmico e envolvente. A utilização de diferentes formatos de mídia permite que os alunos se conectem com o material de maneiras variadas, facilitando a compreensão e retenção das informações apresentadas.

O *e-book* é dividido em capítulos claramente delineados, facilitando a estruturação das aulas. Professores podem seguir a sequência do *e-book* ou selecionar capítulos específicos que se alinhem com o currículo vigente e os objetivos de aprendizagem. Cada seção pode ser usada como um ponto de partida para discussões, atividades de grupo e projetos de pesquisa. Essa flexibilidade permite que o *e-book* seja adaptado a diferentes contextos educacionais, atendendo às necessidades específicas de cada turma.

Cada capítulo do *e-book* é acompanhado de atividades práticas que incentivam os alunos a aplicar o conhecimento adquirido. Por exemplo, os professores podem organizar debates baseados em temas históricos discutidos no *e-book*, promover trabalhos em grupo para explorar diferentes perspectivas ou criar projetos de pesquisa que envolvam a comunidade local. Essas atividades práticas não só consolidam o aprendizado, mas

também estimulam a colaboração e o desenvolvimento de habilidades sociais entre os alunos.

Além de história, os professores podem conectar os conteúdos com geografia, sociologia, literatura e até mesmo artes. Essa abordagem interdisciplinar ajuda os alunos a compreenderem o contexto histórico de maneira mais abrangente e a relacionar os aprendizados com outras disciplinas. Integrar diferentes áreas do conhecimento enriquece o processo educativo, proporcionando uma visão mais holística e integrada do mundo.

O *e-book* apresenta algumas narrativas e fontes históricas que incentivam os alunos a praticarem a análise crítica. Professores podem guiar os alunos na comparação de fontes, na identificação de vieses e na avaliação da veracidade das informações. Essa prática é fundamental para desenvolver habilidades de pensamento crítico e reflexivo. Ao questionarem e analisarem as fontes históricas, os alunos aprendem a pensar de maneira independente e a formar opiniões fundamentadas.

Ao relacionar a história do assentamento 08 de Outubro com questões contemporâneas, como as crises humanitárias e os movimentos migratórios, o *e-book* ajuda os alunos a fazerem conexões entre o passado e o presente. Professores podem usar essas conexões para discutir a relevância da história no entendimento dos desafios atuais, promovendo uma educação mais contextualizada e significativa. Essa abordagem torna a história mais viva e relevante, mostrando como os eventos passados influenciam diretamente o mundo atual.

O *e-book* inclui relatos e memórias dos assentados, proporcionando uma visão pessoal e humanizada da história. Essas narrativas ajudam os alunos a desenvolverem empatia e a valorizarem as diferentes experiências e perspectivas. Professores podem utilizar essas histórias para promover discussões sobre diversidade, inclusão e justiça social. Incorporar histórias pessoais no ensino de história local torna o aprendizado mais envolvente e pessoal, fortalecendo a conexão dos alunos com sua própria comunidade.

Sugere atividades que envolvem diálogos entre alunos e membros da comunidade local. Essas interações são valiosas para promover o entendimento mútuo e a valorização conversas para aprimorar o aprendizado e fortalecer os laços entre a escola e a comunidade. Essas atividades não só enriquecem o conteúdo curricular, mas também promovem a integração social e o respeito pela diversidade cultural.

O *e-book* também inclui questionários de autoavaliação e espaços para reflexão pessoal, permitindo que os alunos monitorem seu próprio progresso. Professores podem utilizar esses instrumentos para obter *feedback* contínuo e ajustar as estratégias de ensino

conforme necessário. A autoavaliação também incentiva os alunos a refletirem sobre seu próprio aprendizado e a reconhecerem suas conquistas e desafios. Esse processo de reflexão é essencial para o desenvolvimento da autonomia e da responsabilidade pelo próprio aprendizado.

A produção de textos, ensaios, poemas e outras formas de expressão criativa é incentivada pelo *e-book*. Professores podem avaliar essas produções não apenas pelo conteúdo histórico, mas também pela originalidade, profundidade e capacidade de conexão com as experiências pessoais dos alunos. Essa abordagem valoriza a criatividade e a expressão individual, promovendo um aprendizado mais holístico e envolvente. Ao expressarem suas ideias e sentimentos através da escrita, os alunos desenvolvem habilidades de comunicação e pensamento crítico.

O *e-book* "Terras de Memória: Abordagens do Ensino de História Local no Assentamento 08 de Outubro em Simão Dias/SE" é uma ferramenta didática que oferece oportunidades para contribuir com o ensino de história. Sua versatilidade, interdisciplinaridade, conteúdo interativo e enfoque na análise crítica e reflexiva tornam-no um recurso importante para qualquer educador. Ao seguir as orientações apresentadas, outros professores podem implementar este *e-book* em suas aulas, promovendo um aprendizado significativo, inclusivo e conectado com a realidade dos alunos.

Em resumo, o *e-book* não só serve como um meio de transmitir conhecimento histórico, mas também como um catalisador para o desenvolvimento de competências críticas e reflexivas. Através da sua aplicação, os professores podem transformar o ensino da história local em uma experiência rica e multifacetada, capaz de engajar e inspirar os alunos a explorar e valorizar o passado da sua comunidade.

4 CAMINHOS DA ESPERANÇA: A JORNADA INICIAL DO ASSENTAMENTO 08 DE OUTUBRO

“Nós lutamos muito para sermos referência em todo Brasil” (Raimundo Silva)

Figura 1- Vista aérea capturada por drone da agrovila



Fonte: Cleonânicio Santana Oliveira (novembro de 2023).

No livro de registro geral, do cartório do primeiro ofício de Simão Dias em matrícula de imóveis como propriedade rural conta uma propriedade situada neste município denominada “Quingimbe e Floresta” com uma área de 1.859.927 hectares de terra possuindo limites ao norte: Rio Vaza Barris. Leste: Fazenda Rio Negro, Josino Teles de Santana, Gervásio Bispo da Silva e Augusto de Tal. Sul: Gilberto de Tal, José Grosso, Erino de Tal, Agostinho de Tal, Marcolino de Tal, José de Tal, Camilo de Tal, Nilton de Tal, Edmundo de Tal, Paulo de Tal, Creuza de Tal. Oeste: Rodovia SE-302, fazenda Riachão, Geraldo Pinto de Almeida e Rio Vaza Barris. Essa fazenda pertencia ao rico fazendeiro Dorinha, muito temido na região.

José Dória de Almeida, também conhecido como "Dorinha", destacou-se como uma figura política temida e respeitada pelos seus contemporâneos. Este latifundiário de considerável influência administrava e política possuía um total de dezesseis propriedades rurais e exercia controle sobre a legenda política UDN, a qual fazia parte do partido liderado por Gervásio Prata, outro proeminente político da localidade Simão-diense. Sua postura autoritária e violenta gerava temor considerável na região, onde ele, um indivíduo

abastado, adotava um comportamento de "coronel" em uma época em que tais posturas eram desapropriadas.

A trajetória política de José Dória de Almeida incluiu a ocupação de diversos cargos, incluindo duas vezes o cargo de deputado. No entanto, sua carreira política não foi caracterizada por brilhantismo notável. Sua figura permanece envolta em uma série de mitos e continua a evocar medo nas narrativas transmitidas por aqueles que o conheceram. De acordo com relatos históricos, sua conduta frequentemente envolvia atos de violência física e alegações de tortura, embora ele nunca tenha sido formalmente acusado judicialmente por tais comportamentos.

Conforme Souza (2002, p. 75) *apud* Nascimento, há registros que detalham alguns dos comportamentos de “Dorinha” e de seus filhos, incluindo Jaconias e Zé, entre outros:

O Dorinha era perigoso, hoje é que os filhos estão quietos. Mas era violento! Pai, filho, tudo. Ele jogava o carro em cima da gente, chegava uma criança ele jogava em cima. Aquele Jaconias, Zé e os irmãos. Dorinha era perigoso, mas depois ele levou um chegas, aí ele ficou melhor. Andaram querendo matar ele e os filhos. Os filhos foram embora, uns para os Estados Unidos.

Considerado um indivíduo de temperamento impetuoso, essa característica constituiu a principal razão para a sua incapacidade de ascender na esfera política. Sua impulsividade, aliada ao crescente enriquecimento, foi um fator determinante em sua trajetória. José Dória de Almeida faleceu deixando uma vasta fortuna para sua família, e todos os seus filhos seguiram a carreira de fazendeiros, herdando um total de dezesseis propriedades repletas de gado bovino, que foram posteriormente partilhadas entre os herdeiros. Após o falecimento de Dorinha e a má administração de seus filhos, que começaram a liquidar o gado, a família enfrentou crescentes dificuldades financeiras, resultando em consideráveis dívidas. A partir de 1997 as fazendas da família passaram a ser alvo de múltiplas ocupações por parte de terceiros.

Após o falecimento de "Dorinha" e a gestão inadequada das propriedades por parte dos herdeiros, começaram a surgir rumores de que a família estava enfrentando dificuldades financeiras. Devido à falta de produtividade das terras, essas propriedades tornaram-se alvo dos membros do MST com o objetivo de utilizá-las para a reforma agrária.

Em maio de 1997, o Sr. Raimundo Silva e seu amigo Antônio de Souza Martins, ambos residentes no município de Paripiranga, Bahia, encontravam-se em Simão Dias, Sergipe, em busca de oportunidades para arrendar terras, uma vez que não possuíam

propriedades próprias. Durante a busca por informações, eles se depararam com o Sr. Nô, Manoel de Souza Menezes, que na época era vereador em Simão Dias. Esse mencionou a existência de várias fazendas anteriormente pertencentes ao Sr. Dorinha, que havia falecido, e que agora estavam sob administração dos familiares. Ele detalhou a situação precária das fazendas e como estavam sendo gerenciadas.

Impulsionados pela situação apresentada, o Sr. Raimundo buscou a ajuda de seu amigo José Orlando da Silva, que também demonstrava liderança. Juntos, eles começaram a considerar a possibilidade de ocupar essas terras. Embora não fossem originalmente membros do MST, em junho, decidiram se unir ao movimento. Dirigiram-se à Aracaju, onde tiveram um encontro com o líder estadual do MST, João Somariva Daniel. Na reunião, compartilharam informações sobre a situação irregular das fazendas junto ao INCRA. Após a discussão com João Daniel, receberam uma resposta positiva. Mesmo antes de saberem a resposta dele, eles já haviam preparado alguns cadastros. José Orlando relatou: "Quando fui com o Sr. Raimundo para Aracaju e conversamos com João Daniel, já tínhamos registros de cinquenta pessoas e descrevemos a situação da fazenda. Ele nos disse que, naquele momento, cinquenta por cento da fazenda era nossa".

Após a conversa com João Daniel e a obtenção de uma resposta positiva, eles retornaram à Paripiranga e iniciaram o processo de cadastramento de pessoas, organizando grupos em diferentes regiões, cada um com sua liderança designada. A maioria dos envolvidos era proveniente da cidade de Paripiranga, Bahia, e esses grupos estavam distribuídos pelos povoados dessa cidade, como Roça Nova, Taquara e Feirinha, além de outros grupos na cidade de Simão Dias. Nesse ponto, eles começaram a estabelecer uma estrutura organizacional e realizaram reuniões frequentes com os participantes para planejar a ocupação da fazenda.

Em diálogo com João Daniel, agricultor, filiado ao Partido dos Trabalhadores (PT) e atualmente deputado federal de Sergipe ele explicou a visão que tinha daqueles trabalhadores e o motivo de ter impulsionado a luta dos agricultores dando todo suporte necessário que ele dispunha:

O Assentamento 8 de Outubro para mim foi um assentamento que eu conheci um grupo de pessoas de trabalhadores e trabalhadoras, especialmente da região de Roça Nova, em Paripiranga, que tinha um sonho de trabalhar, de ter sua Terra e de produzir, e eu pude conhecer antes da Ocupação da área. E, eu tive o prazer de conhecê-los em Aracaju e vi que era um povo trabalhador né? Trabalhador com uma história muito importante de cada um, então eu fiz da Luta do Movimento Sem Terra, uma luta muito importante que foi quebrando todas as barreiras possíveis no INCRA, que tinha uma visão no INCRA, totalmente Distorcida de assentamento na época é de ajudar viabilizar este assentamento. Para mim o 8 de outubro é o exemplo de trabalhador rural que

queria Terra para trabalhar, que recebeu a Terra com muita luta que trabalha, que produz e que vive com muita dignidade e honestamente dando um exemplo para a economia local (Somariva, João Daniel).

Entretanto, na mesma época, Raimundo e Orlando descobriram que outro grupo em Salobra, um povoado de Simão Dias, também estava se formando com o propósito de ocupar a mesma fazenda. Através de rumores, souberam que esse grupo tinha a intenção de entrar na fazenda em 27 de outubro. Eles não tinham interesse de ingressar em outra localidade que não fosse aquela. Diante disso, decidiram antecipar sua ação e ingressaram na fazenda em 9 de outubro. Na manhã do dia 8, as lideranças de cada grupo se reuniram e acordaram que iriam à fazenda juntas na manhã seguinte, numa quinta-feira no dia 9 outubro de 1997.

Figura 2-Ocupação da Fazenda Quingimbe



Fonte: Adriana Leal.

À medida que avançavam com os cadastros, o número de participantes aumentou significativamente. Inicialmente, havia 50 pessoas registradas, mas no momento da ocupação já contavam com 180 famílias cadastradas. Quando efetivamente ocuparam a fazenda, o número havia aumentado para 200. Eles se organizaram com tratores e caminhões para transportar as pessoas até a fazenda. Sendo os pioneiros na ocupação de latifúndios em Simão Dias, essa ação gerou apreensão na população da cidade, que temia a possibilidade de conflitos violentos, embora isso não tenha ocorrido. No dia da ocupação, um dos assentados, Rogério Passos, descreveu o temor das pessoas ao verem

uma multidão se dirigindo à fazenda: “As pessoas se reuniram na frente de suas casas, nas esquinas da cidade e no Ponto de Correia. Tinha tanta gente que parecia mais a festa de Senhora Santa'Ana. Todo mundo estava assustado, diziam: Ali são os Sem Terra! Ali são os Sem Terra!”

Ao ocuparem a fazenda, deram início à construção de barracos de lona e estabeleceram um acampamento. Organizavam reuniões semanais para discutir estratégias e planejar as próximas etapas da ocupação. Nos fins de semana, as famílias que desejavam retornar às suas cidades de origem faziam um revezamento, garantindo assim a continuidade da ocupação e a manutenção do acampamento. Conforme apontado por Farias (2002, p. 45) *apud* Falchi, os acampamentos representam o “prelúdio da travessia”, uma fase caracterizada pela transição, conflitos e questionamentos. É um período permeado por desafios e uma condição marcada por carências em diversas dimensões.

Figura 3-Construção do acampamento: início da luta pela terra



Fonte: Eduardo Ribeiro Lima (1997).

A Fazenda Quingimbe e Floresta foi herdada pela viúva Adélia Pinto de Almeida, que, antes mesmo da ocupação, recebeu a visita do Sr. Raimundo e Orlando para uma conversa em seu escritório na cidade de Lagarto, Sergipe. Na ocasião, dialogaram sobre o movimento que estava se organizando, o interesse de ocupar a fazenda devido à sua situação irregular e, sobretudo, por ser um latifúndio sem produtividade. Segundo eles, Adélia os recebeu com muita educação e informou que tinha interesse em se desfazer da propriedade, podendo ser por meio do MST. Na oportunidade, ofereceu a chave da fazenda para que tivessem acesso, mas eles recusaram devido a pertences pessoais e

afirmaram que não havia necessidade. De qualquer forma, as chaves das "portei­ras" da fazenda foram entregues naquele momento por ela, demonstrando total interesse em vendê-la.

Contudo, um de seus filhos, responsável pela criação de gado no local, reagiu com raiva à notícia da ocupação. Ele ameaçou que, caso algum dos acampados adentrasse a sede da fazenda, os reservatórios de água fossem violados ou os arames cortados, haveria mortes, conforme relatou Raimundo Silva:

Um dia, enquanto eu caminhava dentro do acampamento, Jorge de Dorinha, conhecido por sua ignorância, se aproximou e lançou: Você não tem medo de perder a vida, não é mesmo? Respon­di-lhe prontamente: Meu caro, para um pobre como eu, estar vivo ou morto não faz grande diferença. Ele riu e partiu.

Jorge de Dorinha era o único membro da família que se opunha à venda das fazendas e à presença dos Sem Terra em sua propriedade. No entanto, após uma avaliação técnica do INCRA, que confirmou a falta de produtividade na mesma, a família não interpôs nenhum recurso, e o processo seguiu como esperado pelos acampados, de maneira ágil e pacífica.

À medida que os meses passavam, algumas pessoas começaram a perder a fé no projeto, considerando que permanecer ali era uma perda de tempo, sem previsão de quando obteriam a posse da propriedade. No ano de 1998 a área foi desapropriada e considerada de interesse social para fins de reforma agrária através da portaria de número 28 em 17 de abril do referido ano. Após dez meses da ocupação, em 6 de agosto de 1998, foi emitido o Auto de Emissão de Posse oficializando assim o Projeto de Assentamento de reforma agrária. Poucos dias depois, um representante do INCRA compareceu ao assentamento para oficializar a entrega da terra aos acampados, que totalizavam apenas 81 famílias. Dessas, apenas duas eram naturais de Simão Dias, enquanto as demais, somando 97,53% da população, vinham de Paripiranga, Bahia.

O INCRA, em colaboração com o MST, contratou uma equipe para realizar a divisão dos lotes por famílias de posse individual, bem como para planejar a agrovila e a reserva florestal. Apesar de haver apenas 80 famílias, foram alocados 81 lotes, sendo que um deles estava designado para a reserva florestal e preservação do meio ambiente.

Quanto ao planejamento da agrovila, o Sr. Raimundo e Orlando contribuíram com os técnicos, solicitando um espaço maior para a construção de uma igreja, uma quadra de esportes, uma escola e casas para os futuros filhos dos assentados. Raimundo compartilhou “Eu não sou letrado, mas quando pedi um espaço maior na agrovila para

construir coisas no futuro o homem perguntou: Quando você vai construir tantas coisas?' Eu respondi: 'Não será agora, mas um dia acontecerá!'"

A agrovila foi dividida entre as 80 famílias por meio de um sorteio, com cada família recebendo uma meia tarefa de terra para a construção de suas residências. Os lotes, que possuem uma área de 1.225,00 m² cada, também foram designados por sorteio.

Após a distribuição das terras, o governo iniciou a concessão de subsídios para auxiliar os assentados na construção de suas casas, no cercamento de seus terrenos e no desmatamento das áreas, além de disponibilizar créditos para infraestrutura e desenvolvimento. Orlando Silva ressaltou:

Naquela época, o presidente do Brasil era FHC¹, e ele fornecia recursos com tanta rapidez que, antes mesmo de concluirmos um projeto, já tínhamos recursos para iniciar outro. Houve uma ocasião em que uma carreta cheia de arame chegou para cercar os terrenos das pessoas, e havia tanto arame que todos ficaram surpresos. Sou filiado ao PT², mas, para a reforma agrária, o presidente mais eficaz foi FHC, pois as coisas aconteciam com grande agilidade.

Dentro de uma pesquisa de história local por meio da história oral, é válido considerar toda e qualquer subjetividade e opinião dos colaboradores. É relevante observar que, segundo Orlando Silva, mesmo sendo filiado ao PT, ele enfatiza que a celeridade e a quantidade de recursos que receberam durante o governo de FHC superaram ou foram muito superiores aos oferecidos pelo governo de Lula³. A partir desses subsídios, os assentados iniciaram a construção de suas casas, a delimitação de seus terrenos e a criação de barragens. Simultaneamente, máquinas foram empregadas na construção de estradas na agrovila, possibilitando o acesso aos lotes de terra.

Um elemento que impulsionou o progresso do assentamento foi a proficiência agrícola dos assentados. Ao ocuparem a fazenda, trouxeram consigo sementes de milho e abóbora, e no mesmo ano iniciaram o plantio como um teste do solo, revelando a sua fertilidade para o cultivo dessas culturas. Já no ano seguinte, em 1999, o assentamento alcançou uma produção de abóbora que estabeleceu um recorde nacional. O historiador Marcelo Domingos de Souza aponta a relevância que esse assentamento trouxe para a zona urbana da cidade:

A parte norte do território simaodiense está inteiramente ocupada por latifúndios. Atualmente uma pequena parte desses latifúndios está sendo ocupadas de forma produtiva pelo MST (Movimento dos Sem Terra), o que já provocou um grande salto econômico da Simão Dias. O Assentamento 08 de

¹ Ex presidente do Brasil, Fernando Henrique Cardoso (1995-2003).

² Partido dos Trabalhadores.

³ Atual presidente do Brasil Luiz Inácio Lula da Silva.

Outubro localizado no povoado Cumbe, durante dois anos consecutivos obteve uma produção de abóbora, recorde no estado, em 1999 uma produção recorde a nível nacional. No início desse assentamento, os sem terras ocupavam barracos de lona, no entanto, hoje já possuem uma agrovila além de inúmeros tratores (Souza, 2002, p. 15).

Era evidente o progresso que ocorreu no município com a chegada dos Sem Terra à região. A partir de 1999, a cidade passou a sediar um evento festivo conhecido como a "Festa da Abóbora". Nessa festividade, eram exibidos produtos alimentícios feitos a partir dessa cultura, artesanato local e apresentações de talentos da região. Esse evento reunia autoridades locais, políticos, integrantes do MST, além dos moradores da agrovila, do município e das cidades circunvizinhas.

Em 1999, a maioria das famílias já residia na agrovila. Neste local, foi estabelecida uma escola para os alunos do 1º ao 4º ano, vinculada à Escola Municipal Genésio Chagas, localizada no povoado Cumbe I. Inicialmente, os professores eram as próprias assentadas com formação. Posteriormente, vinham de Simão Dias, sendo designados pela Secretaria de Educação. Para os alunos das séries mais avançadas, a prefeitura municipal providenciou transporte escolar, levando-os para o povoado Cumbe, onde cursavam do 5º ao 8º ano, ou para a cidade de Simão Dias, para o ensino médio, do 1º ao 3º ano.

A eletricidade só foi instalada após dois anos e sete meses, em 2002. Durante esse período as pessoas utilizavam lampiões, candeeiros ou velas para iluminação, e aqueles que possuíam rádios e televisões alimentavam-nos com baterias recarregáveis. No início, as famílias enfrentaram diversos desafios, porém, com espírito de união e cooperação, conseguiram superá-los de forma conjunta.

Um fato curioso e relevante que merece destaque é a origem do nome do Assentamento, bem como a data atribuída a ele. O Assentamento foi ocupado no dia 09 de outubro e recebeu o nome "08 de Outubro". Essa nomenclatura pode parecer intrigante à primeira vista, uma vez que não coincide com a data da ocupação. No entanto, essa designação tem uma história peculiar por trás. Foi um dos líderes do movimento, que propôs esse nome, argumentando que o dia 08 de outubro deveria ser escolhido em homenagem a "um dos maiores companheiros da história: Che Guevara". O colaborador Raimundo Silva, Orlando Silva compartilharam essa versão da história. Essa versão história é citada por outras pesquisas como Almeida (2006, p. 67) "...recebendo o nome de Projeto de Assentamento 08 de Outubro, em homenagem a data de morte do revolucionário Che Guevara".

Entretanto, um detalhe digno de nota é que Che Guevara, o revolucionário argentino-cubano, não faleceu no dia 08 de outubro, como inicialmente acreditavam os membros do Assentamento. Na realidade, Che Guevara veio a falecer no dia 09 de outubro de 1967. Portanto, esse nome inusitado dado ao Assentamento está vinculado a uma curiosa imprecisão histórica, que persiste até os dias atuais, pois muitos dos habitantes desconhecem o detalhe exato dessa data.

5 QUESTÕES IDENTITÁRIAS NO ASSENTAMENTO 08 DE OUTUBRO

A resistência das pessoas ao Sem Terra é um problema ideológico, político, cultural, da história do Brasil.
(João Somariva Daniel)

O fato de a maioria dos assentados ser natural de Paripiranga, município da Bahia, teve duas razões: primeiramente, as lideranças provêm desse município; segundo, devido à apreensão dos simão-dienses em confrontar a família dos Dorinhas.

O Sr. Raimundo e Orlando, atuando como líderes, residiam em Paripiranga, organizando grupos por diferentes regiões da cidade mencionada anteriormente. Através desses grupos, realizavam reuniões por segmento e de forma coletiva. A adesão a esses grupos ocorreu prontamente, pois acreditavam que a reforma agrária representava a única saída promissora para suas vidas. Enxergavam no Movimento dos Trabalhadores Rurais a oportunidade de proporcionar uma vida com menos dificuldades econômicas e mais oportunidades para seus filhos e famílias.

Sob orientação do chefe do INCRA, esses líderes passaram a convidar os simão-dienses relutantes, temerosos de serem prejudicados pelos descendentes do fazendeiro. Todavia segundo relatos:

Eles tinham medo, né? Diziam que nós íamos morrer nas mãos dos Dorinhas, não sei o quê, todo esse negócio, é tanto que o pessoal de Simão Dias não quis entrar de forma alguma. A fazenda era dos Dorinhas e eles tinham fama de valentes. Aí o pessoal teve medo, e nós da Bahia ficamos aqui até hoje e nunca aconteceu nada (Alves, José Fraga).

A resistência por parte dos simão-dienses e do poder público municipal em aceitar os "sem terras" em solo simão-diense foi significativa. Em 1997, ano da ocupação,

conflitos armados entre sem terras e posseiros eram frequentemente noticiados, gerando instabilidade entre os munícipes.

Ao ingressar em Simão Dias, as pessoas utilizavam termos pejorativos para se referir aos Sem Terras, demonstrando desconfiança e medo. Durante o acampamento, o temor persistiu, e os munícipes, reunidos em esquinas e pontos de ônibus, aguardavam diariamente, acreditando que a tragédia era iminente:

No início havia uma discriminação muito grande, muito grande mesmo, usando palavras de baixo calão, chamando-nos de forasteiros, questionando o motivo da presença desse povo. Palavras degradantes não faltavam (Silva, Sheila Maria da).

Após conquistar a terra, os líderes buscaram o gestor municipal para solicitar máquinas de patrolamento para construção das estradas vicinais, mas a solicitação foi negada. Além disso, ao instalarem um centro de meteorologia no assentamento, o gestor solicitou sua remoção para outro local, no Sítio Alto. Raimundo Silva relutou, afirmando que o centro deveria permanecer ali.

Daí chegou com o Jeep, veio apanhar, sabe? Nós precisamos desse centro de metrologia no sítio Alto e não aqui. Eu disse muito bem, só que o daqui você, não leva. Porque? Eles porque eu não levo, eu sou o prefeito, eu digo, é mais fácil você arrumar do que eu. Você é mais fácil arrumar do que eu, eu sou, ninguém arrumei. Você pode arrumar o seu agora daqui você não leva não.

Ao ser questionado sobre a retirada do centro, o gestor alegou ser mais conveniente para os líderes resolverem o problema. No entanto, Seu Raimundo reiterou que o centro permaneceria no local.

Os líderes também solicitaram ao gestor que o lixo fosse recolhido semanalmente, mas a resposta foi: "Não, Sem Terra não precisa jogar lixo fora, joga onde está mesmo"⁴. Em protesto, os moradores reuniram todo o lixo de suas residências e o jogaram na entrada do assentamento. O gestor, ao questionar, ouviu como resposta: "O senhor nos negou esse direito"⁵. Na semana seguinte, o recolhimento de lixo foi destinado ao assentamento.

No comércio, alguns comerciantes se recusavam a vender para pessoas do Assentamento. Em uma ocasião, uma moradora que buscava um artigo de decoração foi questionada pela dona da loja: "Sem Terra tem direito a essa peça?" (Silva, Raimundo). Apesar da resistência, ela insistiu e comprou o objeto, afirmando que seu dinheiro era tão digno quanto o de qualquer outra pessoa da cidade.

⁴ SILVA, Raimundo. Entrevista gravada. 06 de novembro de 2023. Áudio 42:54.

⁵ Ibidem.

Outra forma de oposição surgiu dentro das próprias famílias que tinham membros no movimento. Algumas famílias sentiam vergonha dos estereótipos associados aos Sem Terra, e houve casos em que pessoas desistiram de participar do movimento devido à imposição do cônjuge. Segundo Orlando Silva “no início era complicado. Eu conheço alguns acampados que faziam parte das nossas reuniões e que vieram para ocupar a fazenda, mas deixaram de vir porque a mulher disse que se você for, não volta mais para casa, que nós estamos separados.”

João Daniel menciona questões de ordem política e ideológica como forma de resistência e empecilhos para a reforma agrária e especificamente o Projeto de Assentamento 08 de Outubro em Simão Dias. Observa que são estruturas consolidadas e resistentes, onde a propriedade privada está sempre representada por políticos e políticas públicas, enquanto o pequeno produtor, embora necessite da terra e de condições de trabalho, não possui o apoio e representação necessários.

É parte da história cultural política do nosso país. São gestores e pessoas que acreditam muito na propriedade, mesmo que a propriedade não produza nada e não cumpra nenhuma função social. Então fica, né? Ao lado de fazendeiros que já foram do sistema que tiveram força política que não tiveram, que não tinham, como no caso da 8 de outubro, a antiga, fazenda Quim gimbe e Floresta. Mas nada de produção, mais do que fica ao lado do fazendeiro por ter razões ideológicas, de ser contra que a propriedade da Terra seja distribuída para a mão daqueles que podem produzir. Esse é o único motivo não dar à Terra para aqueles que podem produzir, viver e dela fazer o seu sustento e mudar a economia do município. Então é um problema ideológico, político, cultural, da história do Brasil. Que é preciso compreender a história das sesmarias, a história da luta de canudos, a história da luta deste país, né? Que é a história da propriedade. A política é parte da história da propriedade. Grande parte dos deputados estaduais e federais são representante dos grandes proprietários, mas ninguém vai se de volta dizendo, eu quero representar os grandes proprietários. Vai dizer, eu quero ter apoio e vou defender a agricultura familiar. Vou defender o pequeno, não. Né? É parte cultural, lamentavelmente, da história do Brasil. O Brasil é um país conservador, autoritário, massacrador, que nós nunca tivemos uma revolução. Nós somos um dos poucos países, nós só tivemos ditadura. Nós não tivemos grandes evoluções em todos os momentos da história do Brasil que a gente começou a crescer, com possibilidade de reforma agrária. Teve um golpe. A exemplo de 64 a exemplo de 2014, então é toda uma história da propriedade de poder no Brasil (Somariva, João Daniel).

As resistências dos habitantes de Simão Dias em relação aos Sem Terra podem ser atribuídas a duas questões distintas: preconceito e discriminação, e questões identitárias. Os Sem Terra eram frequentemente estigmatizados como tumultuadores e usurpadores de terras, assumindo o papel de agentes perturbadores na história, em vez de serem percebidos como vítimas do processo de desapropriação de um latifúndio. A falta de compreensão sobre o movimento, a luta dos trabalhadores e o processo de desapropriação contribuíam para o receio e a desconfiança da comunidade.

Outro desafio era estabelecer relações de pertencimento. Inicialmente, existiam divergências entre os assentados e os não assentados, como se fossem dois grupos distintos coexistindo em um núcleo separado de Simão Dias. No início da agrovila, os assentados se identificavam por meio de semelhanças, incluindo origem geográfica, vínculos históricos e culturais, além de uma noção de pertencimento comunitário.

Com o tempo, a construção da identidade entre os assentados simão-dienses e os não assentados ocorreu por meio de uma relação de pertencimento, compartilhamento de experiências e lutas comuns, além da percepção de uma história e cultura coletivas. Essa identidade foi fortalecida pela busca por melhores condições de vida, acesso a recursos e pelo sentimento de solidariedade e apoio mútuo diante de desafios comuns.

A relação entre os habitantes de Simão Dias e os assentados foi marcada por uma combinação de negação, rivalidade, admiração e reconhecimento. Os simão-dienses valorizavam a conquista da terra e os avanços econômicos dos assentados, enquanto estes reconheciam a importância daqueles na história local e sua contribuição para a luta pela reforma agrária. Essa interação promoveu a troca de conhecimentos, vivências e recursos, fortalecendo a identidade coletiva e contribuindo para o desenvolvimento econômico da região.

6 PERSPECTIVA E CONTRIBUIÇÃO FEMININA NO ASSENTAMENTO OITO DE OUTUBRO

Tudo é possível para quem sonha e faz desses sonhos objetivos de vida independente de ser homem ou mulher.
(Sheila Silva)

O papel das mulheres no assentamento foi de importância fundamental para a conquista e permanência na terra, colaborando ativamente desde o acampamento até os dias atuais. Porém, não restringiu apenas a esse íterim como colaborou em outras esferas.

Durante o período do acampamento, muitas dessas mulheres acompanharam seus maridos e compartilharam as dificuldades nos barracos de lona. Enfrentaram esse período desafiador participando ativamente das reuniões, místicas e organizações para diversas reivindicações.

Nas atividades comunitárias, as mulheres se uniam para organizar e liderar eventos, recepcionar convidados além da preparação de alimentos. Por alguns intercâmbios internacionais abrigaram em suas residências mulheres e homens que vieram do Canadá para estudar a vivência e as perspectivas de um assentamento rural do MST.

Outras mulheres destacaram-se na área da educação, contribuindo significativamente para a formação dos assentados. Quatro delas passaram a lecionar na escola do assentamento, em resposta à recusa dos educadores do município em deslocar-se até o assentamento, mediante um convênio entre o MST e a prefeitura municipal de Simão Dias. Atendendo ao pedido dos líderes para que a educação no assentamento estivesse alinhada aos princípios do MST, essas mulheres, todas com formação técnica em magistério, desempenharam essa função nas séries iniciais. O período de atuação foi de dois anos e sete meses, sendo posteriormente substituídas por outros professores, em conformidade com questões legais e concursos públicos.

Raimunda Fraga foi uma dessas educadoras que almejava uma educação justa e equitativa para todos do assentamento. Atuou na comunidade, lecionando não apenas para as crianças, mas também para os jovens e adultos. Liderava as festividades e projetos relacionados à educação, assim como os do movimento. Viveu nutrindo o sonho de obter sua formação em nível superior em pedagogia para contribuir ainda mais com as pessoas que ali viviam. Raimunda faleceu numa manhã de terça-feira, ao concluir sua aula, quando voltava da Escola Municipal Francisco José dos Santos à sua residência no dia 18 de setembro de 2012. A biblioteca da referida instituição homenageia-a por gratidão e reconhecimento por todo trabalho oferecido. Embora tenha alcançado o último período do curso de pedagogia sem concluir, os familiares foram agraciados com homenagens e reconhecimento póstumos, testemunhando todo o afeto e empenho que Raimunda dedicou à sua formação.

Outra uma figura notável na comunidade foi Maria da Glória, que, preocupada com as questões religiosas, liderou a iniciativa de trazer uma celebração religiosa para o assentamento. Organizou a primeira missa em um espaço improvisado em frente à sua casa em 1999.

Após o sucesso desse evento, Maria da Glória liderou o projeto de construção de uma igreja, buscando apoio financeiro através de bingos, festas e solicitações a políticos e membros da comunidade. A construção da igreja teve início em 2000 e foi concluída em 2002. Maria da Glória faleceu em 2013, e atualmente, a administração da igreja está

sob responsabilidade de Maria Gonçalves de Santana que com muita garra e determinação permanece a frente das organizações religiosas com a ajuda de seus familiares e comunidade local.

Dentre todos os assentamentos apenas uma desde o início é mãe solo e esteve à frente do PA sem cônjuge ou presença masculina, Sheila Silva. Ela disse não observar nenhum tipo de misoginia dentro do movimento, pelo contrário, sempre houve espaço para todas. Evidenciou que também não é fácil gerenciar uma família e a labuta na roça, mas não pela condição de mulher tão pouco por não ter cônjuge, mas pelas dificuldades inerentes a todo ser humano. Esclareceu que estar dentro da luta do movimento é possível para qualquer outra mulher que esteja disposta a lutar pela terra e sobretudo por seus sonhos. Segundo a mesma o trabalho com a terra “é uma relação de amor, cooperatividade e subsistência”.

Observamos também que as mulheres desempenham um papel crucial, mas que muitas vezes é invisível aos olhos dos cônjuges e demais pessoas. Estão sempre sobrecarregadas com as tarefas domésticas, na educação e cuidado com os filhos, tarefas essas historicamente desempenhada por mulheres como obrigações inerentes ao gênero.

Além disso, dentro de um assentamento rural as tarefas não se resumem apenas ao plantio e colheita nas lavouras. A maioria das famílias como uma forma de subsistência ou para obterem uma renda extra ocupam-se também com a criação de galinhas, caprinos, são bordadeiras, costureiras dentre outras funções.

Dessa forma as narrativas aqui apresentadas não esgotam todas as experiências das mulheres na comunidade, evidenciam a diversidade de papéis e desafios enfrentados. Reconhecer e valorizar plenamente essas contribuições requer um olhar mais aprofundado, pois cada história é única e merece ser contada. Estudar e escrever sobre a mulher no contexto do assentamento é uma tarefa complexa, demandando tempo e dedicação para abraçar toda a riqueza dessa temática vasta e multifacetada.

7 EDUCAÇÃO

Procurei fazer de lá o espaço que a educação fosse viva de verdade.

(José Adérico Cruz do Nascimento)

A Educação representa uma das áreas fundamentais de atuação para o MST. Desde sua origem promoveu processos instrutivos e colocou como central a batalha pela universalização do acesso à educação pública de qualidade, abrangendo todas as fases, desde a infância até o ensino superior. Reconhecendo que a entrada e permanência são elementos cruciais para integrar toda a comunidade na edificação de um novo projeto para o campo e para as transformações de cunho socialista.

Dentro desse contexto, o MST procura desenvolver colaborativamente um conjunto de práticas educativas voltadas para um projeto social emancipatório, liderado pelos trabalhadores e trabalhadoras. A edificação de uma instituição educacional ligada à realidade das pessoas, que valorize o trabalho como uma atividade socialmente produtiva, a luta social, a cooperação coletiva, a cultura e a história como fundamentos orientadores do ambiente educacional, contando com a participação ativa da comunidade e a autodeterminação dos alunos e alunas, assim como dos professores e professoras. A conquista pela escolaridade/escola é tão importante para o movimento quanto a Terra.

No transcurso desse período, o setor educacional de Sergipe passou a operar no Assentamento 08 de Outubro, desde o acampamento até o estabelecimento da agrovila. José Adérico Cruz do Nascimento e Sandra Oliveira dos Santos, coordenadores do setor educacional na região de Poço Verde, Tobias Barreto, Simão Dias, Pinhão, Carira e Pedra Mole, tinham a incumbência de circular pelos assentamentos, criando condições para que crianças, jovens e adultos continuassem estudando, tanto no próprio assentamento quanto nas escolas vizinhas. A preocupação não se limitava apenas ao acesso à escola, mas também à permanência, por meio de uma pedagogia orientada pelo MST, reconhecendo a necessidade de alfabetização de adultos para uma consciência política e cidadã.

Logo após a conquista da terra, existia um espaço ao lado da fazenda e curral, um galpão com duas salas que foi improvisado como escola da agrovila. Os líderes do assentamento organizaram o local, denominando-o “Escola Salate Strozake”, em homenagem a uma educadora do movimento que contribuiu ativamente na educação de turmas multisseriadas e na alfabetização de crianças, jovens e adultos nos acampamentos e assentamentos. No entanto, a secretaria de educação não aceitou o nome nem a criação

da escola. Transformou aquele espaço em um núcleo da Escola Municipal Genésio Chagas, após desentendimentos com a secretaria de educação e o gestor municipal.

O primeiro obstáculo foi a recusa dos professores de Simão Dias em lecionar no assentamento. Diante disso, o setor de educação do movimento e os assentados apresentaram professores qualificados que estavam disponíveis para ensinar e atender os alunos dos assentamentos 08 e 27 de Outubro. Por isso, em 2000 Solange Nogueira dos Santos Lima foi a primeira professora a lecionar na escola com turmas multisseriadas.

As tentativas de deslocar os alunos do assentamento não cessaram. Em 2004, a então secretária de educação conduziu uma reunião com os pais, informando que no ano seguinte a escola seria fechada e os alunos realocados para o povoado Cumbe. Alegava-se inicialmente a falta de alunos, mas José Adérico e os pais apresentaram a quantidade de alunos existentes. O segundo argumento era a recusa dos professores em lecionar no assentamento, ao que José Adérico e os pais apresentaram professores qualificados que estavam disponíveis para assumir o ensino nos assentamentos 08 e 27 de Outubro:

O município tentou fazer uma transferência dos alunos em 2005. Uma retirada desses alunos da 8 de outubro para um povoado vizinho. Então, a partir daí eu fui para o assentamento, participei de uma reunião com os assentados e a gente não permitiu que a escola fosse fechada, mesmo naquela condição que a escola fosse fechada. E que as crianças iriam permanecer sim naquele espaço e a gente tinha ali assumido um compromisso de buscar as melhorias para que a gente desse tem uma condição melhor de escola.

Na sequência, considerando a segunda alegação de resistência por parte dos professores municipais em lecionar para os "sem terras", José Adérico e os pais de alunos apresentaram quatro professoras formadas que se comprometeram a ministrar aulas para a comunidade: Raimunda Fraga Alves, Solange Nogueira dos Santos Lima, Shirley Morgany Saturnino Passos e Ivaneide de Carvalho Santos. Elas atuaram no período de 2005 a 2006, até a regulamentação do concurso público na cidade, durante o qual permaneceram em contratos temporários.

A segunda tentativa de fechar a escola ocorreu durante a convocação dos professores no concurso de 2005. José Adérico, que fazia parte do setor de educação do movimento e foi aprovado no concurso público de Simão Dias, ao ser convocado, observou que a escola do assentamento não constava entre as instituições de ensino para as quais os educadores seriam designados e em meio as lágrimas relatou:

E eu lembro... E foi o primeiro embate, porque a gente nesse momento disse que a escola do assentamento existia e que a gente queria assumir lá que a gente sabia que lá tinha aluno. Lá tinha uma estrutura, mas era mais uma vez uma tentativa de retirar as crianças do assentamento. Pela segunda vez, dessa vez pela questão do concurso, para não disponibilizar a vaga. E então foi criado lá a condução. A gente fez um pequeno, um pequeno debate no processo de assumir o concurso da Secretaria de educação do município. E não teve jeito, a gente foi lotado lá. Eu mais um, mais outras pessoas fomos lotados lá no assentamento. Iniciamos lá fazendo um trabalho.

A partir dessa discussão e com todo o conhecimento que o mesmo possuía, trouxe à tona a proposta de construção do prédio escolar, abordando setores como o INCRA e o Ministério da Educação, contando com o respaldo do setor de educação do MST. Em 2007, o primeiro projeto da escola foi aprovado, com recursos financeiros destinados à construção. No entanto, a execução não foi efetivada devido à recusa do gestor municipal em realizá-la.

Eu lembro muito de uma frase dos assentados ao questioná-lo (gestor municipal) o porquê de não construir a escola, ele deu a resposta aos assentados, que queria saber porquê, que todos os projetos em Simão Dias agora só era para ser para os “sem terra”, referindo-se ao assentamento (Nascimento, José Adérico Cruz do).

Devido a essa relutância, o primeiro processo foi perdido, resultando na não construção da escola. Em 2009, durante o governo Lula, surgiu novamente a oportunidade de apresentar um projeto de construção da escola dentro do programa de Territórios Rurais, que permitia que os assentamentos propusessem a construção de escolas. José Adérico elaborou essa proposta, obtendo a aprovação do Ministério da Educação. Foi solicitada ao INCRA a cessão de uso da área do terreno a ser construído, e o local foi escolhido junto aos assentados. Em 2010, a construção foi efetivada, incluindo duas salas, uma cozinha, biblioteca, pátio e uma área externa ampla.

A Escola Municipal Francisco José dos Santos não se limitou a atender apenas as crianças dos assentamentos 08 e 27 de outubro, mas também os pais desse alunado. O "Projovem Campo: Saberes da Terra"⁶ possibilitou que os jovens e adultos concluíssem o ensino fundamental, qualificando-se em práticas agrícolas.

⁶ O ProJovem Campo - Saberes da Terra oferece qualificação profissional e escolarização aos jovens agricultores familiares que não concluíram o ensino fundamental e médio. O programa visa ampliar o acesso e a qualidade da educação à essa parcela da população historicamente excluídas do processo educacional, respeitando as características, necessidades e pluralidade de gênero, étnico-racial, cultural, geracional, política, econômica, territorial e produtivas dos povos do campo.

A escola operava durante toda a semana, fechando apenas no domingo à noite. Durante os turnos matutino e vespertino da semana, atendia às crianças. À noite, era voltada para os pais no EJA Campo, oferecendo alfabetização. Nos finais de semana, promovia cursos técnicos oferecidos pelo IFES e PRONATEC. Em determinado período, também ofereceu ensino médio para os agricultores e agricultoras que já haviam concluído o ensino fundamental na escola.

Figura 4-Escola M. Francisco José dos Santos



Fonte: Registro da pesquisadora (2022).

O sentimento de pertencimento e a luta pela criação da instituição de ensino permitiram que as pessoas se referissem ao espaço como "a nossa escola". Essa conquista, erguida por todos, viu-se materializada desde o sonho plantado no coração dos assentados até a instalação de cada bloco, como um tijolo de esperança na construção coletiva. Decorridos 13 anos, essa instituição nunca necessitou de porteiro, pois, impulsionada pelo sentimento de ter sido conquistada, “muitas vezes ficou aberta e ninguém nunca roubou

nada⁷". O espaço não é apenas educativo, mas também cenário de discussões cruciais, reuniões do movimento, da associação comunitária e de abordagens sobre temas comuns. Uma escola pulsante, com parcerias que, durante cursos técnicos, alfabetização ou formação continuada, jamais deixaram de oferecer lanche ou almoço aos estudantes. Estabeleceu-se colaboração com o Instituto Federal de Sergipe, UFS, EMBRAPA e os próprios assentados. A alimentação era produzida, adquirida e preparada dentro do próprio Projeto de Assentamento.

Uma aspiração compartilhada por diversos colaboradores foi a vontade de ver os "descendentes dos assentados assumindo a gestão e os cargos de professores na instituição de ensino⁸". Contudo, esse anseio se depara com desafios, visto que questões legais e normativas atuais impedem tal atribuição. Em um período anterior, durante a oferta de cursos técnicos, os docentes eram oriundos da própria comunidade, aproveitando a presença de diversos moradores com formação adequada.

Transcorridas mais de duas décadas, o assentamento testemunha o desenvolvimento de três gerações, nas quais alguns optaram por permanecer na comunidade, enquanto outros seguiram caminhos distintos por variadas razões. Aqueles que decidiram ficar continuaram se dedicando à agricultura, tal como seus antecessores. Outros buscaram formação em setores como educação, saúde, engenharia, entre outros. Destaca-se que, por meio de um convênio com Cuba, duas filhas de assentados concluíram o curso de medicina no referido país e hoje exercem suas profissões em Simão Dias e localidades circunvizinhas. Um dos desafios mais prementes observados é proporcionar ao assentamento os meios necessários para que essa nova geração encontre, dentro da própria localidade, as condições essenciais para permanecer.

⁷ Nascimento, José Adérico Cruz do. Entrevista Gravada. 14 de dezembro de 2023. Áudio 40: 17.

⁸ Idem.

8 INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA I: VISITA GUIADA

- ✓ Duração: Aproximadamente 3 horas
- ✓ Público Alvo: Atividade pode ser adaptada para turmas de Ensino Fundamental I, Ensino médio e EJA.

Visita Guiada: Uma Estratégia Educacional para Explorar a História Local

O professor de História dispõe de diversas opções e autonomia para determinar o enfoque de suas aulas na sala de aula, podendo empregar métodos como aulas expositivas, rodas de conversa, pesquisa, discussões, debates entre grupos, entre outros.

A visita guiada representa uma estratégia de ensino que possibilita aos alunos vivenciarem uma ampla gama de conteúdos ao explorarem a localidade com o olhar direcionado e aguçado pelo professor. A seleção dos locais a serem visitados e das pessoas a serem questionadas deve ser cuidadosamente pensada e organizada para garantir uma experiência organizada e dinâmica.

Para tanto, é essencial propor atividades tanto antes, durante, quanto depois da visita guiada. Esta não é um passeio sem intencionalidade. Os alunos não devem percorrer o espaço sem compreender o propósito da visita, o que poderia resultar em dispersão e falta de foco. Portanto, torna-se imprescindível que, antecipadamente, a história seja apresentada mediante as pesquisas disponíveis neste *e-book*. Recomendamos, ainda, que as demais temáticas sejam abordadas em sala de aula. O diálogo com os alunos é crucial, pois estes já detêm conhecimento prévio, e suas indagações podem conduzir a outros questionamentos a serem incorporados nas entrevistas.

Aprofundar o conhecimento sobre o ambiente em que se vive desempenha um papel crucial na formação dos alunos, propiciando o desenvolvimento de vínculos mais sólidos com sua comunidade e, por conseguinte, favorecendo sua formação cidadã. Além disso, essa pesquisa do entorno possibilita uma análise profunda e crítica da realidade circundante, permitindo que os alunos se tornem participantes ativos na construção de significados históricos e sociais. O reconhecimento das nuances e da história local proporciona não apenas uma compreensão mais profunda do passado, mas também

alimenta a capacidade dos alunos de avaliar e moldar o presente e o futuro com uma perspectiva informada e reflexiva.

Sejam bem-vindos à visita guiada ao Assentamento 08 de outubro, localizado em Simão Dias, Sergipe. Nesta atividade, vocês explorarão os aspectos históricos, políticos, sociais e indenitários por meio das narrativas colhidas pelas pessoas que são testemunhas vivas dessa história. Analisaremos a história vivenciada pelos trabalhadores do Movimento Sem Terra e sua relação com a comunidade local. Esta atividade será mediada pelo professor, e os pesquisadores serão os alunos. Estes, munidos de entrevistas previamente estruturadas, farão perguntas às pessoas designadas por sua importância, conhecimento e papel dentro do referido local além de fazer registros fotográficos. Preparem-se para uma experiência histórica única e emocionante!

ROTEIRO:

Acompanhados por moradores do assentamento, exploraremos as áreas comuns, incluindo a escola, o galpão de armazenamento de grãos, as fábricas de massa de milho e abóbora, as residências dos moradores e as áreas de cultivo. Durante o percurso, teremos a oportunidade de conversar com os trabalhadores e conhecer suas experiências de vida, desafios enfrentados e suas perspectivas para o futuro. Vale ressaltar a importância de compreendermos as diferentes dimensões que moldam a vida nesta localidade. Do aspecto histórico à economia, da educação à cultura, cada elemento contribui para a diversidade desse local.

Durante o percurso, visitaremos:

1. Áreas Comuns:

- Escola: Conduzida por Solange Nogueira dos Santos Lima e José Adérico Cruz do Nascimento, exploraremos o papel fundamental da educação no assentamento, a atuação de educadores locais e como a mesma se tornou ferramenta de transformação social.

- Galpão de Armazenamento, fábrica de milho e abóbora: Observaremos as atividades agrícolas que sustentam a comunidade, compreendendo como a agricultura é integrada ao cotidiano para subsistência e geração de renda. Zé Branquinho, José Fraga Alves e Marcelo Alves, o agrônomo responsável, nos guiarão nesse setor.

2. Vivências, experiências e história:

- Conversaremos com moradores, como Sr. Raimundo e Orlando, que compartilharão aspectos históricos, desafios superados e suas perspectivas futuras. Abordaremos como os primeiros assentados organizaram-se, as dificuldades enfrentadas e os primeiros passos rumo à conquista.

3. Dimensões Culturais e Religiosas:

- Luzinete, Maria Gonçalves de Santana, nos conduzirá pela igreja no assentamento, percorrendo sobre as festas, o Padroeiro e a influência da igreja na comunidade.

- Eduardo Ribeiro Lima destacará elementos culturais moldadores da identidade local, enfatizando como eventos e festividades fortalecem os laços entre os moradores.

4. Espaços de Poder e História:

- Eduardo Ribeiro Lima nos guiará à Sede da Fazenda, revelando os desdobramentos históricos e atuais nesse ponto focal.

- Shirley Morgany Saturnino Passos apresentará o início da educação no assentamento em um galpão improvisado ao lado da fazenda.

5. Natureza e lazer:

- Quincas, Joaquim Fraga Matos, nos conduzirá pela Barragem Turística e Reserva Florestal, revelando como esse ambiente proporciona lazer e atrai turistas para a localidade.

Além disso, estruturaremos entrevistas para cada tópico, disponibilizando o roteiro dessas entrevistas para os moradores mencionados. Este material estará acessível para adaptação por outros professores e turmas, sendo as perguntas também passíveis de construção pelos próprios alunos.

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM:

Ao término da visita, o professor conduzirá uma discussão para avaliar o entendimento dos alunos sobre os temas explorados durante a atividade. Este momento permitirá abordar questões específicas, esclarecer dúvidas e integrar as experiências vividas com os conceitos anteriormente estudados pois de acordo com Monteiro a

“avaliação é o processo que permite conhecer se os objetivos educacionais que previamente definiu foram ou não atingido pelos alunos (2001, p. 119)”.

Além disso, ao encerrar a visita, o professor mediará uma roda de diálogo interativa. Nesse espaço, os alunos serão convidados a compartilhar impressões, aprendizados e insights decorrentes da visita guiada. A ênfase será na conexão entre a experiência prática e os conteúdos abordados em sala de aula, proporcionando uma compreensão profunda e significativa da história local e das temáticas estudadas. Este momento de reflexão contribuirá para consolidar o aprendizado e estimular a expressão individual dos alunos em relação ao conteúdo explorado.

SUGESTÃO PARA PROFESSORES:

Arquivo com modelos de entrevistas para cada segmento/pessoa do percurso da visita guiada.



Vídeo aéreo, registrado por drone, exibindo a agrovila, áreas agrícolas, barragem e demais espaços do Assentamento 08 de Outubro. (Fonte: Cleonânicio Santana Oliveira)



Questionário de autoavaliação para os alunos (Modelo I e II)



9 INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA II: “EXPOSIÇÃO ITINERANTE: MEMÓRIAS EM MOVIMENTO.

- ✓ Duração: 5 horas/aulas.
- ✓ Público Alvo: Atividade pode ser adaptada para turmas de Ensino Fundamental I, Ensino médio e EJA.

A proposta da intervenção é proporcionar uma experiência educativa multifacetada, na qual os alunos, por meio de uma exposição itinerante de fotografias, possam registrar e compartilhar as diversas facetas da história local. Os objetivos específicos incluem orientar os alunos para a documentação visual, promover uma compreensão mais profunda da história local, e desenvolver habilidades de trabalho em equipe e comunicação.

Os alunos serão divididos em quatro equipes, cada uma focando em um aspecto específico do assentamento: História, Educação, Economia e Cultura. Durante a visita guiada, as equipes realizarão registros fotográficos relacionados aos seus temas designados. Essas imagens serão posteriormente analisadas em conjunto, e as mais representativas serão selecionadas para a exposição.

Cada equipe será encarregada de planejar a disposição das fotografias na exposição, criando uma narrativa visual coesa. Além disso, eles prepararão descrições e contextualizações para cada foto, propiciando a compreensão do público sobre os elementos capturados.

A montagem da exposição será uma atividade colaborativa, onde as equipes se unirão para criar um ambiente coeso que reflita a diversidade do assentamento. A apresentação itinerante acontecerá no pátio da escola que proporcionará aos alunos a oportunidade de compartilhar suas descobertas, promovendo o diálogo e a disseminação do conhecimento adquirido.

Essa intervenção incorpora competências em pesquisa. Antes de realizar os registros, os alunos realizarão uma investigação prévia para compreender os temas designados, contextualizando suas fotografias de maneira informada e relevante.

A dinâmica de trabalho em equipe é central nessa intervenção. A divisão dos alunos em quatro equipes, responsáveis por diferentes aspectos da exposição, promove a colaboração e a habilidade de trabalhar harmoniosamente em grupo.

Além disso, a atividade visa ampliar a compreensão histórica dos alunos, incentivando-os a estabelecer conexões entre as imagens capturadas e os eventos históricos que moldaram o assentamento ao longo do tempo.

A intervenção não se limita ao aspecto técnico, estendendo-se para o desenvolvimento de habilidades de comunicação. Os alunos deverão descrever e contextualizar cada fotografia, exigindo habilidades de expressão escrita.

A gestão de projetos é outra dimensão integrante dessa atividade. Desde o planejamento inicial até a execução e montagem da exposição itinerante, os alunos serão responsáveis por todas as fases do projeto, promovendo habilidades de organização e liderança.

Ao mesmo tempo, a intervenção busca desenvolver a empatia e o respeito cultural dos alunos, proporcionando uma compreensão mais profunda da diversidade presente no assentamento.

Por fim, a apresentação e expressão artística são enfatizadas na disposição das fotografias. Os alunos terão a oportunidade não apenas de escolher imagens, mas também de criar uma narrativa visual coesa e impactante.

Dessa forma, essa intervenção objetiva a formação integral dos alunos, proporcionando uma experiência educacional que vai além das fronteiras da sala de aula, promovendo aprendizado prático e desenvolvendo habilidades essenciais para suas vidas escolares e posteriores.

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM:

A avaliação será baseada no registro e na pesquisa das fotografias, na clareza das descrições, na eficácia da montagem da exposição e na capacidade de apresentação dos alunos. Além disso, será considerada a participação ativa de cada aluno em todas as etapas da intervenção, incentivando uma aprendizagem envolvente e colaborativa.

Luckesi define a avaliação como “um ato amoroso” (1999, p. 173). Trata-se de uma perspectiva acolhedora e inclusiva que busca integrar, e não excluir, o aluno do processo avaliativo. A avaliação não apresenta resultados apenas dos alunos, mas também dos professores, pois o processo educativo é amplo e se realiza em diferentes esferas, desde o planejamento até a avaliação. Deve ser vista como uma intervenção para melhorar e corrigir aquilo que não deu certo, e não propriamente para classificar, selecionar ou excluir. Dessa forma, a avaliação não deve afastar o discente do docente, mas sim acolher e integrar.

10 INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA III: MAPEANDO MEMÓRIAS: CONSTRUINDO CONEXÕES HISTÓRICAS

- ✓ Duração: 3 horas.
- ✓ Público Alvo: Atividade pode ser adaptada para turmas de Ensino Fundamental I, Ensino médio e EJA.

Esta intervenção pedagógica trata-se de uma proposição de aula que tem como propósito promover a consciência histórica dos assentados, explorando a imprecisão histórica no nome do povoado (08 de outubro) e estabelecendo conexões significativas com a Revolução Cubana, a importância de Che Guevara e sua relação com o Movimento Sem Terra (MST).

O objetivo principal é desenvolver a capacidade crítica dos alunos, analisando a imprecisão histórica no nome do povoado, compreendendo a Revolução Cubana e Che Guevara, e estabelecendo conexões com a luta do MST.

A aula será estruturada em diferentes etapas para atingir esses objetivos. Inicialmente, será introduzida a temática, destacando a relevância da precisão histórica na compreensão da identidade local.

Na sequência, a aula abordará a Revolução Cubana, contextualizando historicamente e explorando o papel influente de Che Guevara nesse cenário. Imagens e vídeos serão utilizados para ilustrar momentos-chave dessa revolução, e será promovida uma discussão sobre os ideais e legado de Che Guevara.

A terceira parte da aula concentrar-se-á em estabelecer conexões entre a história do MST e os ideais defendidos por Che Guevara. Os alunos serão introduzidos ao histórico do MST e participarão de discussões sobre os paralelos entre esses movimentos.

A partir do conteúdo desta aula e das informações apresentadas neste *e-book*, os estudantes, de maneira individual, serão incumbidos de elaborar uma linha do tempo que evidencie eventos locais relevantes, a imprecisão histórica no nome do povoado, a retificação da data de falecimento de Che Guevara e as interconexões entre essa revolução e o Movimento Sem Terra (MST). Têm a liberdade de inserir fotografias, documentos históricos e dados pormenorizados acerca de cada acontecimento. Além disso, podem optar por criar esta linha do tempo de maneira manual ou por meio de aplicativos, como o *Canvas*.

A discussão e reflexão serão essenciais no final da aula. Uma roda de discussão permitirá que os alunos compartilhem suas impressões, aprendizados e reflexões resultantes da atividade. O encerramento incluirá uma síntese das principais aprendizagens e uma reflexão sobre como a imprecisão histórica pode influenciar a compreensão da identidade local.

A proposta desta intervenção pedagógica busca não apenas informar sobre uma imprecisão histórica no nome do povoado, mas também estimular uma série de habilidades e conhecimentos nos alunos, estabelecendo uma conexão com a comunidade local.

Ao longo do processo, os alunos serão desafiados a desenvolver habilidades de pesquisa, aprimorando sua capacidade de coletar, analisar e sintetizar informações históricas relevantes.

A comunicação eficaz é outra dimensão central dessa intervenção. A criação da Linha do Tempo e de materiais informativos exigirá dos alunos a habilidade de apresentar informações de maneira clara e acessível, adaptando sua linguagem ao público-alvo, o que contribui diretamente para o desenvolvimento de competências em comunicação.

O exercício de corrigir a imprecisão histórica no nome do povoado e relacionar esse acontecimento à Revolução Cubana impulsionará o pensamento crítico e analítico dos alunos. Esse aspecto da intervenção estimula a capacidade de analisar diferentes perspectivas históricas e compreender as implicações desses eventos na identidade local.

A conexão entre teoria e prática é um pilar fundamental desta intervenção. Os alunos serão incentivados a entender como os eventos históricos impactam diretamente a comunidade local, promovendo uma compreensão mais profunda da relevância da história em suas vidas cotidianas.

Além disso, a atividade visa aprimorar a sensibilidade cultural e promover o respeito à diversidade de perspectivas. Ao abordar a história corrigida e a Revolução Cubana, os alunos desenvolverão a compreensão das complexidades culturais presentes na comunidade.

Em resumo, essa intervenção pedagógica oferece uma abordagem holística, integrando habilidades acadêmicas e socioemocionais, proporcionando aos alunos uma experiência de aprendizado prática e significativa.

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM:

Será feita inicialmente uma avaliação diagnóstica para observar o que os alunos já conhecem sobre os temas propostos através de discussão na sala de aula. O processo avaliativo considerará a participação nas discussões, as apresentações das atividades, a reflexão crítica sobre as conexões estabelecidas e o engajamento na atividade prática. Essa intervenção visa não apenas corrigir a imprecisão histórica local, mas também promover a compreensão da história, conectando-a a eventos globais e destacando a importância de figuras como Che Guevara no contexto latino-americano.

11 INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA IV: MEMÓRIAS VIVAS: NARRATIVAS ORAIS E ESCRITA CRIATIVA

Duração: 3 horas.

Público Alvo: Atividade pode ser adaptada para turmas de Ensino Fundamental I, Ensino médio e EJA.

A proposta desta intervenção é guiar os alunos na expressão criativa a partir das experiências vivenciadas durante a visita guiada, estimulando a escrita literária e o desenvolvimento de habilidades narrativas.

Com o objetivo de cultivar a expressão pessoal e a criatividade, os alunos serão convidados a selecionar uma história que os tenha impactado ou emocionado durante a visita guiada. Essa narrativa, enraizada nas memórias coletadas, será a base para a atividade de escrita criativa.

Iniciaremos com uma aula introdutória sobre técnicas de escrita criativa, destacando elementos como descrição detalhada, diálogo envolvente, construção de personagens e ambientação. Esta fase visa oferecer ferramentas para que os alunos possam expressar de forma viva e imaginativa as histórias que escolherem.

Um ponto chave desta intervenção é a liberdade na escolha do gênero literário. Os alunos serão encorajados a explorar diferentes formas de expressão, seja através de contos, poemas, cordéis ou outros estilos literários. A diversidade na escolha dos gêneros permitirá uma riqueza de perspectivas e estilos individuais.

O processo criativo e a produção escrita ocorrerão em aulas subsequentes, com o professor fornecendo orientações, estímulo à criatividade e suporte individualizado

conforme necessário. O intuito é que cada aluno possa transformar suas impressões e emoções em narrativas envolventes.

Dessa forma, a intervenção "Memórias Vivas: Narrativas Oraís e Escrita Criativa" não apenas promove o desenvolvimento das habilidades de escrita, mas também oferece uma plataforma única para que os alunos expressem suas próprias experiências, construindo pontes entre o passado e o presente por meio da narrativa criativa.

Através da coleta e posterior transformação das narrativas oraís em textos escritos, os estudantes aprimoram suas habilidades de expressão escrita e criatividade literária. Este exercício também fomenta a capacidade de análise e interpretação, pois os alunos precisam compreender e recontar as histórias de maneira coesa.

Além disso, ao escolherem o gênero literário (contos, poemas ou cordéis), os alunos exploram diferentes formas de expressão artística, desenvolvendo competências específicas de cada estilo. O estímulo à escrita criativa contribui para aprimorar a capacidade de criar e desenvolver tramas, personagens e ambientes, promovendo o pensamento crítico e a imaginação.

A atividade também proporciona uma conexão com as memórias coletadas durante a visita guiada, incentivando os alunos a refletirem sobre a importância dessas histórias em suas vidas. Ademais, ao compartilharem suas narrativas, fortalecem a habilidade de comunicação oral, promovendo a expressão efetiva de suas ideias e emoções. Em suma, a intervenção visa uma abordagem holística, cultivando habilidades linguísticas, artísticas, analíticas e interpessoais.

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM:

A avaliação enfoca a expressão escrita dos alunos, derivada das narrativas coletadas. Os critérios abraçam a individualidade e originalidade, priorizando a criatividade na apresentação das histórias. Será observada a aplicação efetiva das técnicas de escrita criativa ensinadas, considerando a descrição, diálogos envolventes e construção de personagens. A capacidade de expressar emoções e reflexões relacionadas à visita, junto com a coesão e estrutura narrativa, serão elementos avaliados. A participação ativa e colaboração entre os alunos serão valorizadas, e, opcionalmente, aqueles que desejarem podem apresentar oralmente suas narrativas, sendo avaliados quanto à habilidade de comunicação clara e envolvente. A avaliação será contínua, visando reconhecer não apenas os resultados finais, mas também o esforço, criatividade e o processo de aprendizagem individual de cada aluno.

12 INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA V: NARRATIVAS EM MOVIMENTO: UM DOCUMENTÁRIO COLABORATIVO"

- / Duração: 4 horas.
- / Público Alvo: Atividade pode ser adaptada para turmas de Ensino Fundamental I, Ensino médio e EJA.

Esta intervenção pedagógica tem como objetivo central promover a construção coletiva de um documentário sobre a comunidade, envolvendo ativamente os assentados e os alunos. Ao longo do desenvolvimento da atividade, busca-se estimular habilidades específicas, como pesquisa, produção audiovisual e trabalho colaborativo, enquanto amplia-se a compreensão das relações entre identidade, memória e a história local.

Iniciamos com uma apresentação da proposta aos alunos, ressaltando a importância da parceria com a comunidade para valorizar suas histórias. Em seguida, realizamos uma sessão de *brainstorming* para identificar temas relevantes, distribuindo grupos com temas específicos como a formação do assentamento, mudanças ao longo do tempo, e personalidades locais.

Na etapa de formação de grupos e pesquisa, os alunos são divididos em equipes, cada uma focada em um tema específico relacionado ao assentamento. O objetivo é que realizem pesquisas com roteiros, coletando dados, entrevistas, fotos e vídeos que contribuam para as informações do documentário.

A fase de produção do documentário coloca a responsabilidade sobre cada grupo para criar um segmento que comporá o documentário final. Isso envolve a elaboração de roteiros, realização de entrevistas, captura de imagens e gravação de depoimentos dos assentados. A criatividade é incentivada, permitindo o uso de recursos audiovisuais diversos.

A conclusão da atividade será a exibição do documentário e a reflexão subsequente constituem o encerramento da intervenção. Uma sessão especial é organizada, incluindo a presença dos assentados para assistir ao documentário completo na escola da comunidade. Após a exibição uma roda de conversa proporciona espaço para reflexões sobre o processo de produção, aprendizados adquiridos e as experiências compartilhadas entre assentados e alunos.

Ao longo dessa intervenção, os alunos desenvolvem habilidades específicas, incluindo pesquisa, produção audiovisual e trabalho colaborativo. Além disso, aprofundam seus conhecimentos sobre o Assentamento 08 de Outubro e a luta pela terra, enquanto compreendem melhor as interconexões entre identidade, memória e a história coletiva da comunidade.

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM:

A avaliação abrangerá a participação ativa e colaboração contínua com colegas e membros da comunidade em todas as etapas do projeto, desde a pesquisa até a produção do documentário. Serão cuidadosamente avaliados a interação positiva com a comunidade, a condução respeitosa de entrevistas, a inclusão efetiva dos moradores e a representação autêntica de suas histórias. Segundo Freire (1996, p. 12), a educação não é transferência de conhecimentos, mas criação de possibilidades para a sua própria produção ou construção. Por isso, após a conclusão os participantes serão solicitados a realizar uma reflexão em grupo, compartilhando experiências, desafios e aprendizados. Ademais, será encorajada uma autoavaliação para identificar contribuições individuais, superação de desafios e áreas de melhoria, considerando que o foco vai além do produto final, abrangendo o processo de aprendizado, a interação com a comunidade e o desenvolvimento de habilidades.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3 ed. Rio de Janeiro: editora FGV, 2005. 236p.
- ALMEIDA, Ronise Nascimento de. **Organizações sociais: numa proposta de sustentabilidade em assentamentos rurais**. 2006. 150 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2006.
- ARAÚJO, Clezyane Correia. **Sustentabilidade da monocultura do milho em assentamentos rurais de Simão Dias**, 2018. Dissertação em Desenvolvimento e Meio ambiente. Programa de pós graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal de Sergipe. Aracaju 2018.
- BERGAMASCO, Sônia Maria; NORDER, Luiz Antônio Cabello. **O que são Assentamentos Rurais**. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- BEZERRA, Antônio Alves. **O Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e seus Temas: 1981-2001**. São Paulo, 2011. Tese em História. Programa de Pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: história**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/livro05>>. Acessado em: 10 de maio 2022.
- CAIMI, Flávia Eloisa. **Meu lugar na História: de onde eu vejo o mundo**. In: História: ensino fundamental / Coordenação Margarida Maria Dias de Oliveira. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. (Coleção Explorando o Ensino; v. 21). p. 59- 82.
- CAINELLI, Marlene. **O que se ensina e o que se aprende em História**. In: História: ensino fundamental / Coordenação Margarida Maria Dias de Oliveira. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. (Coleção Explorando o Ensino; v. 21). p. 17- 34.
- CALDART, R. S. **Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais do que escola**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 17.
- CALDART, Roseli Salete. O MST e a formação dos Sem Terra: o movimento social como princípio educativo. **Revista Estudos Avançados** 15 (43); Rio de Janeiro, 2001, p. 207-224.
- CHAGASTELLES, Gianne. LACERDA, Gislene. **História Oral, memória e história do tempo presente: debate conceitual e de sentidos**. UNICAMP, 2013.

COMPARATO, BRUNO KONDER. A ação política do MST. **Revista São Paulo em Perspectiva** 15 [4] 2001. São Paulo, junho 2001, p.105-118.
<https://www.scielo.br/j/spp/a/8f4fyVTD4DftydPngLdLPvP/>

COSTA, Aryana Lima; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. O Ensino de História como objeto de pesquisa no Brasil: no aniversário de cinquenta anos de uma área de pesquisa, notícias do que virá. **Saeculum, Revista de História** [16]; João Pessoa, jan/jun. 2007. p. 147- 160.

FALCHI, Edna de. **Na Luta Por um Pedaco de Chão: Experiência e Cotidiano nos Acampamentos De Sem-Terra Do Sul De Mato Grosso Do Sul**. Mato Grosso do Sul, 2007. Dissertação em História. Programa de Pós-graduação da Universidade Federal da Grande Dourados.

FARIAS, Ana Elizabete Moreira de. ROLIM, Eliane de Souza. História oral a cidade: Relação entre História, Memória, e Construção de Identidades. **ANPUH-PB**, Novembro de 2007, p.1-11.

FERNANDES, Bernardo Mançano. O MST e as reformas agrárias do Brasil. **Boletim DALUTA**, Dezembro de 2008, p. 1-10.

FERREIRA, B. **Estratégias de intervenção do Estado em áreas de assentamento do Governo Federal**. In: MEDEIROS, Leonilde et al. (Org.). Assentamentos rurais: uma visão multidisciplinar. São Paulo: UNESP, 1994. p. 29-47.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

FIGUEIREDO, Camila Gonçalves. História Oral e Memória: Significados e importância para a valorização da identidades e dos lugares. **Revista Casa D'Italia, Juiz de Fora**, Ano 3, nº 19, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Itamar. **Sobre o objeto memória**. *Resenha Crítica*. Aracaju/Crato, 24 abr. 2023. Disponível em <<https://www.resenhacritica.com.br/a-cursos/sobre-o-objeto-memoria/>>.

GONÇALVES, Rita de Cássia. LISBOA, Tereza Kleba. Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida. **Revista Katál**, Florianópolis, v. 10, 2007.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

JOUTARD, Philippe. **Desafios à História oral do século XXI**. ALBERTI, V., FERNANDES, TM., and FERREIRA, MM., orgs. História oral: desafios para o século XXI [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. 204p. ISBN 85-85676-84-1. Available from SciELO Books .

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão, Campinas, SP, Editora UNICAMP, 1990.

LIMA, V. R.; BRAND, A. J; MARINHO, M. História, identidade e desenvolvimento local: questões e conceitos. **História & Perspectivas**, v. 1, p. 363-388, 2008.

LOPES, Eliano Sérgio de Azevedo. **Assentamentos Rurais e Desenvolvimento Local: Dimensões Econômicas e Sócio-Políticas e Redes Sociais e o Campo Sergipano**. Aracaju, 2000. Tese em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade. Programa de Pós-graduação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. São Paulo: Cortez, 1999.

MARTINS, Marcus Leonardo Bonfim. (Re) Significando a avaliação no Ensino de História. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História, ANPUH**, São Paulo, 2011.

MEDEIROS, Catiane. **O MST: MST reúne 4 mil pessoas para celebrar a maior produção de arroz orgânico da América Latina**. 2023. Disponível em < <https://mst.org.br/2023/03/17/mst-reune-4-mil-pessoas-para-celebrar-a-maior-producao-de-arroz-organico-da-america-latina/> > Acesso em: 14 de maio de 2024.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Desafios da História Oral Latino-Americana: O Caso do Brasil**. In: ALBERTI, V.; FERNANDES, T. M.; FERREIRA, M. M. (orgs). História oral: desafios para o século XXI [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. 204p. Available from SciELO Books <http://books.scielo.org>.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2023.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias**. São Paulo: Contexto, 2021.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; SEAWRIGHT, Leandro. **Memórias e narrativas: História oral aplicada**. São Paulo: Contexto, 2021.

MST, **O MST: Nossa História**. Disponível em <<https://mst.org.br/nossa-historia/84-86/>> Acesso em: 14 de abril de 2024.

NODA, Marisa. Avaliação e novas perspectivas de aprendizagem em História. **Revista História e Ensino**, Londrina, V. 11, 2005.

NOGUEIRA, Amauri Tadeu Barbosa. **Uma leitura dos conflitos na produção do assentamento rural da fazenda Jupira no município de Porto Feliz**. São Paulo, 2007. Dissertação em Geografia. Programa de Pós graduação em Geografia da Universidade de São Paulo

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, p.7-28, dez./1993.

OLIVEIRA, Cássia Milena Nunes. **MST: A Juventude Como Caminho**. São Paulo, 2010. Dissertação em História Social. Programa de Pós-graduação da Universidade de São Paulo.

OLIVEIRA, Elis Regina Silva dos. **Expansão da Produção de Milho no Estado de Sergipe e sua interface com a Agricultura familiar**. 2019. Tese (Programa de pós graduação de Geografia) Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2019.

OLIVEIRA, Elisângela Magela. **Cercas da Reforma Agrária: Sonhos, conflitos e contradições Assentamento Rio das Pedras**. Uberlândia MG. 2007. Dissertação em História Social. Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Uberlândia.

OLIVEIRA, Lauro Roberto Ferreira. **Educar pela pesquisa: uma abordagem a partir da aplicação da História oral no ensino de História**. Orientador Joaquim Tavares da Conceição. São Cristóvão, SE, 2022.

OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. **A História nas salas de aula brasileiras**. In: História: ensino fundamental / Coordenação Margarida Maria Dias de Oliveira. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. (Coleção Explorando o Ensino; v. 21). p. 9- 28.

OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de; SOUZA, Juliana Teixeira. **Escravidão no Rio Grande do Norte**. Natal, RN: EDUFN, 2021. (Produtos didáticos para o ensino da História).

PEDRON, Simone Tatiana. **A Educação No MST: Experiências Educativas no Centro de Formação do Assentamento Antônio Companheiro Tavares-PR, 1998-2011**. Paraná, 2012. Dissertação em História, Poder E Práticas Sociais. Programa de Pós-graduação da Universidade Estadual Do Oeste Do Paraná.

PINHEIRO, L. M. OLIVEIRA, M. M. D. FREITAS, I. Narração e Competência narrativa no ensino de História. **Boletim do tempo presente**, vol. 11, n. 5, 2022.

PORTELLI, Alessandro. **Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade**. In: Projeto História. São Paulo, nº 14, fevereiro de 1997, p. 7- 24.

PORTELLI, Alessandro. **Memória e diálogo: desafios da história oral para a ideologia do século XXI**. ALBERTI, V., FERNANDES, TM., and FERREIRA, MM., orgs. História oral: desafios para o século XXI [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. 204p. ISBN 85-85676-84-1.

RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. **Tramas e Traumas: Identidades Em Marcha..** São Paulo, 2007. Tese em História Social. Programa de Pós-graduação da Universidade de São Paulo.

ROSA, Joana dos Santos. **A Construção Da Identidade De Três Gerações Do MST, Assentamento Rancho Grande Goiás**. Goiás, 2009. Dissertação em Serviço Social. Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica De Goiás.

SENHORAS, Elói Martins. **A reforma agrária, a luta pela terra e os assentamentos rurais: uma questão pública histórico-estrutural em análise**. Formação Econômica, Campinas, (10): 85-99, jun./dez. 2003.

SILVA, Rebecca Faria da. A avaliação da aprendizagem escolar de acordo com a visão da psicopedagogia. **Revista Educação pública**, Rio de Janeiro, 2017.

SOUZA, Marcelo Domingos de. **Simão Dias: A transição da Oligarquia ao Populismo (1940-1964)**. 2002, Universidade Federal de Sergipe.

STÉDILE, J. P. **Questão agrária no Brasil**. São Paulo: Atual, 1997.

TAMIRES Aparecida Batista de Oliveira. **Da construção a consolidação: A organização e a (re)produção do espaço no assentamento Che Guevara em Lagarto (SE)**. Dissertação em Geografia. Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Sergipe.

TEIXEIRA, Olga Suely. **A História local como um caminho para o ensino significativo de História nos anos iniciais**. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História - Profhistória) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

